



# Impactos e efeitos da pandemia do Covid-19 no ecossistema empreendedor solidário de Araraquara

*Impacts and Effects of the Covid-19 Pandemic on the Solidary Entrepreneurial Ecosystem of Araraquara*

Cauana Dias Costa<sup>1</sup>   
Sergio Azevedo Fonseca<sup>2</sup> 

DOI: 10.22478/ufpb.2525-5584.2025v10n1.69747

Recebido em: 26/03/2024  
Aprovado em: 20/01/2025

**Resumo:** Este artigo aborda os resultados de uma pesquisa sobre o desempenho dos empreendimentos da economia solidária (EES) no município de Araraquara pós advento da pandemia do Covid-19. Tem como objetivos identificar, de um lado, os impactos da pandemia na vida dos empreendimentos (criação, mortalidade, fortalecimento, fragilização, etc.) e, de outro, apurar se houve a mobilização de iniciativas comunitárias para o enfrentamento às mazelas da pandemia. Em termos metodológicos, trata-se de pesquisa qualitativa, de natureza exploratória e descritiva, delineada como estudo de casos múltiplos, com dados coletados por triangulação metodológica, compreendendo pesquisa documental, observação direta e aplicação de questionários. Como apoio à contextualização, epistêmica e histórica, do objeto da pesquisa, e à análise dos dados, recorreu-se a literatura pertinente, notadamente relativa às transformações no mundo do trabalho e à economia solidária. Os resultados revelaram, de um lado, um conjunto de dificuldades, sobretudo nos planos econômico e social, que os EES passaram a enfrentar, fruto do cenário de instabilidade política, social e econômica criado pela pandemia e, de outro, a importância, imprescindibilidade mesmo, das redes de apoio e dos instrumentos de políticas públicas como fatores de amortecimento dos efeitos da crise e de criação de condições para assegurarem a sobrevivência dos EES.

**Palavras-chave:** Empreendedorismo; políticas públicas municipais; inovações sociais; cooperação governo municipal universidade.

<sup>1</sup> Banco do Brasil – E-mail: cauana.dias@unesp.br

<sup>2</sup> Universidade Estadual Paulista – E-mail: sergio.fonseca@unesp.br

**Abstract:** This article discusses the results of a research study on the performance of Solidary Economy Enterprises (EES) in the municipality of Araraquara after the onset of the Covid-19 pandemic. The objectives are, on one hand, to identify the impacts of the pandemic on the lives of the enterprises (such as creation, mortality, strengthening, weakening, etc.) and, on the other hand, to investigate whether there was a mobilization of community initiatives to face the hardships caused by the pandemic. Methodologically, it is qualitative research, exploratory and descriptive in nature, designed as a multiple case study, with data collected through methodological triangulation, including documentary research, direct observation, and questionnaire application. To support the contextualization, epistemic and historical understanding of the research subject, and to analyze the data, relevant literature was consulted, notably related to transformations in the world of work and the solidarity economy. The results revealed, on one hand, a set of difficulties, particularly in the economic and social spheres, that EES began to face as a result of the political, social, and economic instability created by the pandemic, and on the other hand, the importance, indeed the indispensability, of support networks and public policy instruments as factors cushioning the effects of the crisis and creating conditions to ensure the survival of the EES.

**Keywords:** Entrepreneurship; municipal public policies; social innovations; cooperation government-municipality-university.

## **1. INTRODUÇÃO**

Os Empreendimentos Econômicos Solidários (EES) seguem o princípio da valorização do trabalho, pela adoção dos valores da solidariedade, democracia e cooperação, com base na produção coletiva e auto gestonária (Morais & Costa, 2011). Ademais, os EES têm importante papel no apoio ao desenvolvimento local (Pitacas, 2019). No ano de 2020 a solidariedade ressurge como uma das principais pautas internacionais, pela necessidade resultante da crise criada pela disseminação do coronavírus – Covid-19 que, como mostram Silva et al. (2020), provoca uma profunda crise sanitária.

De acordo com a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS, 2020), para a prevenção da disseminação do vírus e para o enfrentamento à crise foram implantadas medidas de proteção recomendadas pela Organização Mundial de Saúde (OMS), com destaque para o distanciamento social que provocou, como consequência adversa adicional, profunda contração das atividades econômicas com graves efeitos sobre o trabalho e a renda.

Com o avanço da doença, a OMS declarou, em 30 de janeiro de 2020, uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional e, em seguida, caracterizou a disseminação do Covid-19 como uma pandemia (OPAS, 2020a).

**Revista Brasileira de Políticas Públicas e Internacionais, v. 10, n. 1, jan/jun. 2025, pp. 232-258.**

**Fonseca & Costa. *Impactos e efeitos da pandemia do Covid-19 no ecossistema empreendedor solidário de Araraquara***

Esse ambiente de incertezas contaminou também o cenário econômico, político e social. Disseminaram-se os lockdowns como medidas de isolamento social, de modo a reduzir os casos secundários gerados por um infectado (Schuchmann et al., 2020).

Essas medidas, de acordo com Schuchmann et al. (2020), marcaram mudanças nos costumes, nas relações sociais e nas relações de trabalho em todo o mundo e trouxeram novos hábitos e necessidades para a população. O impedimento de movimentação e socialização trouxe instabilidades para a economia e para a sociedade. Muitos obstáculos se formaram, principalmente pela fragilidade dos segmentos socialmente mais vulneráveis da população que, segundo Brandão (2020), foram os mais afetados pelo desemprego e empurrados para o trabalho informal.

Em virtude do panorama de insegurança e medo provocado pelo Covid-19, passaram a emergir iniciativas e ações de fortalecimento comunitário em prol da redução do contágio pelo novo vírus. O fortalecimento comunitário, por sua vez, pode ser visto como antídoto às mazelas sociais pois, como lembram Singer et al. (2014),

à medida que o desenvolvimento solidário avança, é menos difícil que as comunidades, que por acaso ficaram para trás, recuperem o atraso, pois o desenvolvimento local é contagioso, cada comunidade que se desenvolve oferece um mercado crescente às demais em um mesmo território (Singer et al., 2014, p. 3).

Além disso, como mostram Nassif et al. (2020), mudanças também passaram a ocorrer nos EES que, para sobreviverem, precisaram se atualizar, criando novas formas de se conectar com seus “mercados” e continuar as suas vendas, de modo a manter a renda dos empreendimentos. As atualizações ocorrem, segundo Aveni (2020), por meio de novos instrumentos, como tecnologias para vendas online, medidas de higiene, novos estilos de produtos, mudanças no atendimento com serviços de entrega e a manutenção do distanciamento social.

Trata-se de momento histórico em que as iniciativas comunitárias e os EES ganham outra escala e importância na sociedade, pelo trauma coletivo que, segundo Colosso (2020), a doença gerou. O autor também afirma que,

**Fonseca & Costa. *Impactos e efeitos da pandemia do Covid-19 no ecossistema empreendedor solidário de Araraquara***

mesmo num cenário com riscos de fechamento institucional, práticas cooperativas do poder popular ganharam outra escala e espaços na vida urbana, adquirindo condições para se tornarem referências para a construção de outro futuro.

Além de relevância no meio social, o papel da economia solidária foi muito além do que gerar renda por meio dos EES, como lembra Borges (2020), ao afirmar que a economia solidária, em tempos de crise (pandêmica, econômica, afetiva, etc.), se torna uma ferramenta para auxiliar a diminuição dos impactos negativos da crise, trazendo à tona as habilidades das pessoas, sejam elas jovens ou de mais idade, não apenas para criar uma renda ou trazer renda extra. É uma resposta passível de ser feita dentro de casa (home office), com os vizinhos, à distância, on-line e das mais diversas maneiras, basta usar a criatividade dos novos empreendedores (Borges, 2020, p. 6).

Esse é o contexto no qual se situa o conteúdo deste artigo, que visa expor, ainda que em caráter exploratório, as respostas do ecossistema da economia solidária no município de Araraquara-SP ao advento da pandemia do Covid-19. Tomou-se, como ponto de partida, o Mapeamento dos Empreendimentos Econômicos Solidários de Araraquara, realizado pelo Núcleo de Extensão e Pesquisa em Economia Solidária, Criativa e Cidadania (NEPESC) da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara da Unesp – FCLAr, conjuntamente com a Coordenadoria do Trabalho, Economia Criativa e Solidária da Prefeitura Municipal de Araraquara/SP.

A elaboração do texto pautou-se na busca pela resposta à seguinte questão de pesquisa: quais as principais transformações ocorridas no ecossistema da economia solidária em Araraquara e quais as principais respostas dadas pelos EES diante da pandemia do Covid-19? Em diálogo com esse problema de pesquisa, o objetivo principal do trabalho pode ser expresso como o de identificar os impactos e efeitos da pandemia no ambiente da economia solidária de Araraquara, com destaque para seus aspectos institucionais, econômicos, produtivos e sociais.

Dos resultados esperados, podem ser destacados: a expectativa de identificar empreendimentos da economia solidária que se mantiveram ativos no pós pandemia do Covid-19 em Araraquara; apurar as eventuais

transformações ocorridas nos empreendimentos desde o início da pandemia; apurar os eventuais surgimentos e mortalidades de empreendimentos em decorrência da pandemia; identificar problemas e dificuldades enfrentados pelos empreendimentos que se mantiveram ativos; mapear setores de atividades nos quais os empreendimentos atuavam; identificar os novos produtos que passaram a ser comercializados pelos EES, com destaque para os relacionados ao enfrentamento aos efeitos do Covid-19; identificar tipos de apoios que os empreendimentos receberam durante a crise; mapear as inovações e políticas de enfrentamento a esse período de instabilidades; apurar possibilidades de aprimoramentos no ecossistema da Economia Solidária de Araraquara.

O texto se divide em quatro seções, além desta introdutória. A que segue explora a fragilidade do mundo do trabalho diante do Covid-19 e reflete o papel da Economia Solidária (ESOL) no enfrentamento às desigualdades sociais provocadas pela lógica do capital. A terceira, se debruça sobre o ecossistema empreendedor solidário no município de Araraquara. A penúltima trata dos procedimentos metodológicos utilizados, juntamente com o relato e discussão dos resultados. Ao final, as considerações finais.

## **2. FRAGILIDADES DO TRABALHO NA ECONOMIA CONTEMPORÂNEA**

O modo de produção capitalista tem sua lógica orientada para a acumulação ampliada do capital, por meio da produção e circulação de mercadorias, legando a um plano secundário direitos e anseios sociais e o cuidado para com a natureza. Para assegurar a acumulação ampliada do capital, perpetra-se a divisão social do trabalho, condição que, historicamente, é responsável pela criação das crescentes desigualdades sociais, resultando no que muitos autores chamam de “apartheid social” (Muniz, 2018; Coelho, 2013; Ramalho, 2012).

Esse modelo de desigualdade não apenas exclui e marginaliza pessoas que não se encaixam no mercado de trabalho, mas também as leva a buscarem alternativas inconstantes para trabalhar e gerar renda. A precarização do trabalho no Brasil ocorre, segundo Alves (2009), pela síndrome da insegurança de classe, que envolve a insegurança de empregos,

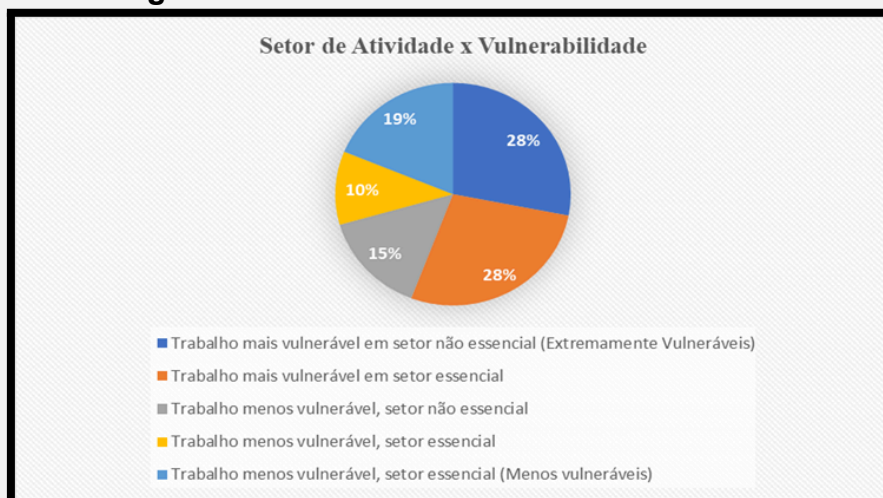
de representações e contratações, principalmente no contexto de reformas neoliberais, aceleradas a partir dos anos 90.

Em 2017, pela Lei n. 13.467, foi colocada em prática uma reforma trabalhista. De acordo com Passos & Lupatini (2020), a reforma buscava realizar a flexibilização das relações entre empregado e empregador (modernização), a redução da taxa de desemprego (decorrente de supostos ganhos de produtividade e expansão da economia) e o combate ao emprego informal (permitido pela redução dos custos do trabalho). Segundo os mesmos autores, a reforma se transformou em uma contrarreforma, na qual os direitos dos trabalhadores passaram por retrocessos diante dos históricos ganhos obtidos pelas lutas sociais.

### *2.1. A fragilidade do trabalho diante da Covid-19*

Nesse contexto, a crise no primeiro semestre de 2020 chega para destruir ainda mais as já fragilizadas condições sociais no mundo do trabalho. Nesse particular, emblemáticos foram os dados publicados em boletim da Rede de Pesquisa Solidária (2020), apontando os grupos em situações mais críticas diante da disseminação do Covid-19. A publicação apontou que 81% da força de trabalho no Brasil (75,5 milhões de pessoas) experimentou algum tipo de vulnerabilidade em virtude dos efeitos da pandemia, com destaque para as seguintes categorias: conta própria; empregados domésticos; empregados sem carteira; empregados com carteira em pequenas empresas e pequenos empregadores. Em relação aos setores mais frequentes em cada grupo de vulnerabilidade, os dados publicados no boletim são reproduzidos na figura 1, sendo a vulnerabilidade tratada como “uma posição ou vínculo menos estável” ou fruto da “participação em um setor ou ramo de atividade que, especificamente em virtude da pandemia, foi fragilizado” (Rede de Pesquisa Solidária, 2020, p. 2).

Figura 01: Setor de atividade x vulnerabilidade



Fonte: Rede de Pesquisa Solidária (2020).

É perceptível que a pandemia trouxe vulnerabilidade para pelo menos 56% das categorias de trabalho, as mais críticas em setores não essenciais, ou seja, aqueles não enquadrados na categoria de impedidos de fechamento por ações governamentais. Essas atividades são, de acordo com o boletim: em primeiro lugar as empregadas domésticas, que compõem mais de seis milhões de trabalhadoras; em segundo lugar seguem os serviços de beleza e estética; o terceiro lugar é ocupado pelo comércio de vestuário, sapatos e viagens. Em contraposição se situam as atividades menos vulneráveis, compostas pela Administração Pública, as atividades de atendimento hospitalar e os supermercados e hipermercados.

Outra edição do boletim aponta ainda que a maior parte da população em alta vulnerabilidade é composta por pessoas negras, sendo as mulheres as que se encontram em grau ainda maior de fragilidade. Adicionalmente, a crise trouxe consigo a instabilidade para novos grupos que antes não apareciam nesse cenário, sendo empurrados para o estágio de vulnerabilidade média, como mulheres e homens brancos, principalmente mulheres empregadas em serviços não essenciais (Rede de Pesquisa Solidária, 2020 a).

## 2.2 A economia solidária no enfrentamento às desigualdades sociais no Brasil

No contexto histórico vindo desde os anos 90, de precarização do trabalho no Brasil, muitas alternativas de geração de trabalho e renda foram

criadas. De acordo com Sanches e Morais (2020), a Economia Social e Solidária surge como uma alternativa para debelar os efeitos negativos da hegemonia do capital, por meio de atividades de cooperação capazes de promoverem a valorização e a emancipação do trabalho. De forma convergente com os dois autores, Pinheiro (2000) aponta que as iniciativas de natureza produtiva, associativa e solidária ganham visibilidade no Brasil a partir da década de 90, quando ocorreu o ponto de partida para reformas neoliberais e de precarização do trabalho. Agindo como resistência e contramovimento de superação da racionalidade do capital, a economia solidária se mostra como resposta e como uma reconfiguração econômica co-produtiva. Como cita a autora, a consciência é um processo lento e longo, mas deve se nutrir para construir uma nova organização societária. Esse é o papel da economia solidária frente ao desemprego e às precarizações sociais e econômicas impulsionadas pelo capital.

Essa nova lógica de organização da atividade econômica cria oportunidades para o surgimento de novas relações, pautadas nos princípios da solidariedade e cooperação. As relações empregado e empregador deixam de existir, dando espaço a novos arranjos horizontais, pautados em processos de aprendizado conjunto e execução, nos quais trabalhadoras e trabalhadores exercem a produção e também a gestão.

Para além da geração de renda e resposta à vulnerabilidade do trabalho na lógica do capital, a economia solidária age como potencializadora da educação no âmbito do trabalho. De acordo com Pastana (2011), a ESOL tem como fundamento pedagógico as ideias de Paulo Freire, de fomentar as potencialidades humanas no âmbito social, da ética, da política, da técnica e da produção. Além disso, a autora afirma que não há economia solidária sem a educação voltada para a formação e o desenvolvimento dos empreendimentos sociais solidários, especializando trabalhadores e associados.

Indo mais além, Boff (2017) cita que a ESOL é um modelo que melhor realiza o conceito de sustentabilidade, de valorização das dimensões social e ecológica da vida, em direta oposição ao sistema vigente, que valoriza sobretudo a dimensão econômica. Desse modo, movida pelos ideais éticos de preservação da vida, cria condições para o bem-viver de todos. Vista como a

semente do futuro pelo autor, a economia solidária é, para ele, a capacidade de uma saída salvadora para a humanidade e, para além de enfrentar as desigualdades, ela promove uma nova visão de mundo, realizando a sustentabilidade, fugindo do ideal atual que está acabando com a capacidade de resiliência da Gaia, nossa Mãe Terra.

Já para Eid et al. (2001), a ESOL pode ser uma alternativa possível ao processo de exclusão social, econômico, político e educacional, inclusive no combate à precarização das relações de trabalho, das condições de trabalho e de vida. As potencialidades da ESOL são variadas, partindo da educação e especialização dos participantes, da emancipação da comunidade, da autonomia, da reinserção dos grupos antes marginalizados, da democratização dos diferentes espaços dos empreendimentos, da geração de renda e do desenvolvimento comunitário. Desse modo, pode-se dizer que a ESOL resulta que essas pessoas voltem a exercer a sua cidadania (Borba et al., 2010).

Apesar de tantos pontos positivos, é necessário citar as dificuldades encontradas nos empreendimentos. Como citado por Benini e Figueiredo Neto (2007), dentro dessa realidade, para garantir seu espaço no mercado, aqueles empreendimentos vêm reproduzindo muitos dos valores dominantes para sobreviver, tais como competição, hierarquia, precarização, marketing e jornadas de trabalho exaustivas (Benini & Figueiredo Neto, 2007, p. 7).

Mesmo diante desse quadro desfavorável é necessário considerar que os grupos têm em vista a autogestão e tentam democratizar seu trabalho. A discussão é que, algumas vezes, esses princípios se rendem à necessidade de sustento do empreendimento. Isso ocorre principalmente quando não há o fortalecimento do local e do ecossistema empreendedor solidário, fortalecimento esse que, não raras vezes, demanda apoio e intervenções do Estado, sobretudo em sua dimensão local, com vistas a assegurar a sobrevivência e a resiliência dos EES, preferencialmente pelo seu fortalecimento via adoção de inovações sociais (Andion, 2023).

Com empreendimentos emancipados e com o ecossistema empreendedor solidário, abre-se o caminho para a geração de renda e a emancipação pela economia solidária, principalmente nas classes sociais mais afetadas pela crise instalada pelo Covid-19. Exemplos de iniciativas

comunitárias que fortalecem o ecossistema empreendedor solidário e dão respostas ao desemprego são citados por Singer e Souza (2000), indo desde cooperativas industriais, empreendimentos auto gerenciados, sindicatos que fomentam o cooperativismo, instituições solidárias de crédito e incubadoras.

### **3. ECONOMIA SOLIDÁRIA NO MUNICÍPIO DE ARARAQUARA**

A economia solidária em Araraquara ganha maior visibilidade a partir do ano de 2004 (Fonseca et al., 2020), em consonância com o crescimento do movimento nacional da ESOL a partir dos anos 2000. Trata-se de movimento que, segundo Gushiken (2015), passa a adquirir grande expansão no Brasil, com a criação de cooperativas, associações e demais formas organizativas que seguem os princípios solidários. Em 2005 a Prefeitura Municipal estabeleceu parceria com a Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara (FCLAr), da Universidade Estadual Paulista (Unesp), criando, de um lado, o Núcleo de Estudos em Economia Solidária e Cidadania (NEESC), vinculado à FCLAr, e, de outro, a Coordenadoria Municipal da Economia Solidária, vinculada à Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico. Nesse momento tem início a assistência a sete grupos solidários: a Cooperativa Acácia de coleta seletiva, a Coostuara, grupo de costura, a Padaria Comunitária do Assentamento Monte Alegre VI, a Cozinha Comunitária do Monte Alegre III, a Lanchonete Solidária, a Associação de Artesanato Mãos Que Criam e a Estamparia da Juventude.

Além disso, no ambiente acadêmico, em meados de 2008, com apoio do Programa Nacional de Incubadoras de Cooperativas Populares (PRONINC), foi criada a Incubadora de Empreendimentos Solidários da Unesp de Araraquara (INCONESP). A esse respeito, Grigoletto e Fonseca (2012) relatam que foram atribuídas bolsas a estudantes do NEESC/INCONESP e adquiridos equipamentos para distribuição a cinco grupos da economia solidária, atuantes nos municípios de Araraquara e Santa Gertrudes: à Padaria do Assentamento Monte Alegre IV; à Cozinha Comunitária do Assentamento Monte Alegre III; à Estamparia da Juventude; à Coostuara; à Cozinha Temperoloco, do Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) de Santa Gertrudes. Dois objetivos foram perseguidos pela equipe do NEESC/INCONESP naquela etapa das suas

**Fonseca & Costa. Impactos e efeitos da pandemia do Covid-19 no ecossistema empreendedor solidário de Araraquara**

atividades: equipar os grupos com infraestrutura mínima, de forma a capacitá-los para o início (no caso da Cozinha Temperoloco), ou a expansão das suas respectivas atividades – nos casos dos demais grupos; criar as condições para uma aproximação e uma maior integração entre a equipe e os integrantes dos grupos (Grigoletto & Fonseca, 2012, p. 6).

Entre os anos 2018 e 2019 foi realizado um mapeamento pela INCONESP e pelo Núcleo de Extensão e Pesquisa em Economia Solidária e Criativa – NEPESC (sucessor do NEESC), por visitas aos empreendimentos pelos alunos do grupo e por contatos e entrevistas individuais. Foram mapeados os empreendimentos constantes na figura 02.

**Figura 02:** Empreendimentos da EES mapeados em Araraquara, antes da pandemia

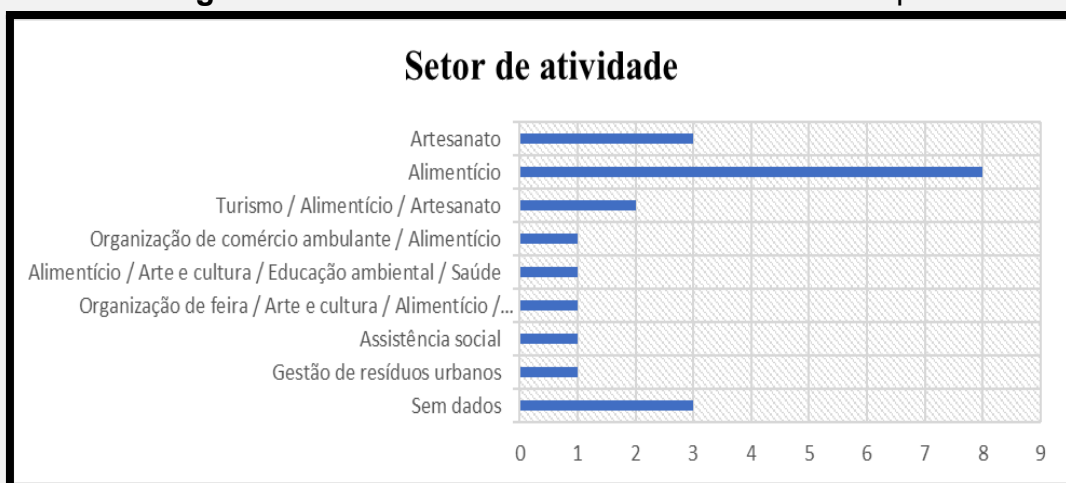
<p style="text-align: center;"><b>Coletivos</b></p> <p style="text-align: center;">Coletivo Colmeia Cultural de Araraquara Coletivo de Alimentação Mulheres Negras Coletivo Quilombo Rosa Coletivo Rolê Feira</p> <p style="text-align: center;"><b>Associações</b></p> <p style="text-align: center;">Associação de Mulheres Camponesas em Ação (AMCA) Associação dos Trabalhadores do Comércio Alternativo de Araraquara (ATCAAR) Associação das Mulheres do Assentamento Monte Alegre VI (AMA) – Padoka Associação de Artesãos Mãos Que Criam Associação Macaxeira (farinheira) Associação Horta Comunitária da Zona Norte Associação de Mulheres Camponesas em Ação do Assentamento Bela Vista (AMCA)</p> <p style="text-align: center;"><b>Cooperativas</b></p> <p style="text-align: center;">Cooperativa Acácia de Catadores de Materiais Recicláveis de Araraquara Cooperativa Agropecuária Mista do Assentamento Bela Vista do Chibarro (Coobela) Cooperativa dos Produtores Agrícolas de Motuca e Região (Coopam) Cooperativa de Trabalho dos Trabalhadores Autônomos de Araraquara e Região (Coopersol)</p> <p style="text-align: center;"><b>Outros formatos</b></p> <p style="text-align: center;">Grupo de Artesanato do Bela Vista Grupo de Palha Bela Vista Turismo Rural – Café com Coronel Turismo Rural do Monte Alegre – Circuito dos Sabores Luz do Valle Mulheres Unidas do Parque São Paulo (MUPSP) – Sabão Higobom</p>
--

Fonte de dados: Fontes: NEPESC e Sanches e Morais (2020)

**Fonseca & Costa. Impactos e efeitos da pandemia do Covid-19 no ecossistema empreendedor solidário de Araraquara**

Com base nesse mapeamento, resulta que o ecossistema empreendedor solidário de Araraquara estivesse composto por 21 empreendimentos de formatos diversos, sendo quatro coletivos, sete associações, quatro cooperativas, quatro grupos e dois projetos sociais, instalados e operando nos meios rural e urbano do município. No que toca aos setores de atividade nos quais os empreendimentos atuavam, o levantamento apurou uma grande diversidade, com alguma concentração em atividades relacionadas à produção, beneficiamento e comercialização de alimentos, como pode ser observado na figura 3. Essa concentração também é indicativa do grande número de empreendimentos situados no entorno rural do município, sobretudo nos dois assentamentos da reforma agrária lá existentes, o Monte Alegre e o Bela Vista do Chibarro.

**Figura 03:** Setores de atividade dos EES de Araraquara.



Fonte de dados: elaboração própria.

Esse pode ser considerado o perfil do ecossistema da ESOL em Araraquara anteriormente ao advento da pandemia do Covid-19. Esse quadro constituiu o ponto de partida para a realização da pesquisa, que tem seus resultados adiante relatados.

#### **4. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

##### *4.1 Procedimentos metodológicos*

A pesquisa realizada revestiu-se de natureza qualitativa, com o duplo propósito descritivo – do perfil do ecossistema da economia solidária em Araraquara durante a pandemia do Covid-19 – e exploratório – pela incipiência do conhecimento sobre o objeto e pela impossibilidade de extrapolação dos resultados. Atende ao que Gerhardt e Silveira (2009) defendem, quanto à busca pelo aprofundamento da compreensão sobre fenômenos sociais contemporâneos. Trata-se, ademais, de pesquisa delineada como estudo de casos múltiplos, representados pelos empreendimentos da economia solidária do ecossistema empreendedor de Araraquara.

A coleta de dados foi feita por meio da triangulação metodológica, abrangendo observação direta, pesquisa documental e a realização de entrevistas semiestruturadas.

A base inicial de dados utilizada foi o Mapeamento dos Empreendimentos Econômicos Solidários de Araraquara, cuja breve síntese foi exposta na seção 3 deste texto.

Para a atualização dos dados, realizada ao longo do primeiro semestre de 2022, buscou-se apurar os perfis atualizados dos EES do município, como tentativa de estabelecer um paralelismo entre os momentos temporais pré e pós pandemia.

A observação direta consistiu no acompanhamento, pelas e pelos estudantes integrantes do NEPESC, das trajetórias dos empreendimentos entre 2018/2019 e 2022. A pesquisa documental foi feita junto aos parques e esparsos registros dos empreendimentos, em páginas da internet e na imprensa local. As entrevistas foram realizadas com base em questionário semiestruturado, buscando comparações das situações dos grupos no espaço tempo frente aos eventos ocorridos. O instrumento utilizado, segundo Ribeiro (2008), o questionário, permite o anonimato, uniformidade nas questões e gera maior compreensão e facilidade a quem o responde. Frente à impossibilidade de intervenções presenciais devido às medidas de isolamento social, a pesquisa de campo ocorreu de forma online, por mídias sociais, e-mail ou telefone.

Os dados foram registrados no Google Forms e arquivados na nuvem do Google Drive. Como apontado por Mota (2019), são características do Google

Fornece a possibilidade de acesso em qualquer horário e local e agilidade na coleta de dados e análise dos resultados.

O formulário eletrônico foi dividido em duas partes: a primeira com base no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido; a segunda consiste no próprio questionário, que empregou perguntas abertas e fechadas, com foco em quatro variáveis: uma, a renda durante a pandemia; outra, as dificuldades e problemáticas advindas no período de pandemia; a seguinte, o diagnóstico de novos membros; a última, focada em entender se a crise proporcionou oportunidades a esses EES.

Para cada uma das perguntas fechadas, a base utilizada foi o resultado do próprio mapeamento, em que as opções para respostas foram as mesmas já diagnosticadas pelo grupo pela observação direta, como a delimitação da renda, as dificuldades enfrentadas e se houve novos membros nos grupos, sendo que as últimas duas também possuíam a opção de adicionar outras respostas complementares. Segundo Marconi e Lakatos (2017) essa técnica se caracteriza como escolha múltipla, em conjunto com resposta aberta, e é facilmente tabelável, proporcionando uma exploração maior do tema, além de possibilitar mais informações sobre o assunto, sem prejudicar a tabulação dos dados. Já as informações sobre renda são caracterizadas pelas autoras como perguntas de fato, “[...] questões concretas, tangíveis e fáceis de precisar” (Marconi & Lakatos, 2017, p. 208).

Além delas, foi também utilizada uma questão aberta, que é chamada livre ou não limitada. Esses tipos de perguntas são os que permitem ao informante responder livremente, usando linguagem própria e emitir opiniões. Nesse caso, o objetivo foi analisar se os grupos tiveram oportunidades decorrentes da pandemia do Covid-19 (Marconi & Lakatos, 2017).

Os participantes integram os mesmos grupos constantes do mapeamento de 2018/2019. Como a maior parte dos empreendimentos têm dificuldades de acesso à internet, foi necessária a adequação da estratégia de aproximação.

Mesmo com as tentativas de realizar o preenchimento do questionário com os 21 empreendimentos mapeados entre 2018 e 2019, apenas 10 se dispuseram a respondê-lo, tornando necessário adequar a pesquisa para focar

**Fonseca & Costa. *Impactos e efeitos da pandemia do Covid-19 no ecossistema empreendedor solidário de Araraquara***

nesses disponíveis: Grupo de Artesanato do Bela Vista; Associação Mãos que Criam; Turismo Rural do Monte Alegre - Circuito dos Sabores; Associação Horta Comunitária da Zona Norte; Associação das Mulheres do Assentamento Monte Alegre VI (AMA) – Padoka; Coletivo Quilombo Rosa; Associação Macaxeira; Cooperativa Acácia de Catadores de Materiais Recicláveis de Araraquara; Luz do Valle; Turismo Rural – Café com Coronel. Na análise, buscou-se assegurar o anonimato de cada grupo, numerando-os de 1 a 10.

Dos outros 11 empreendimentos, três foram contatados, porém não enviaram resposta. Com os sete restantes não foi possível entrar em contato devido à falta de contato telefônico ou falta de respostas por mídias sociais, ligações ou e-mail.

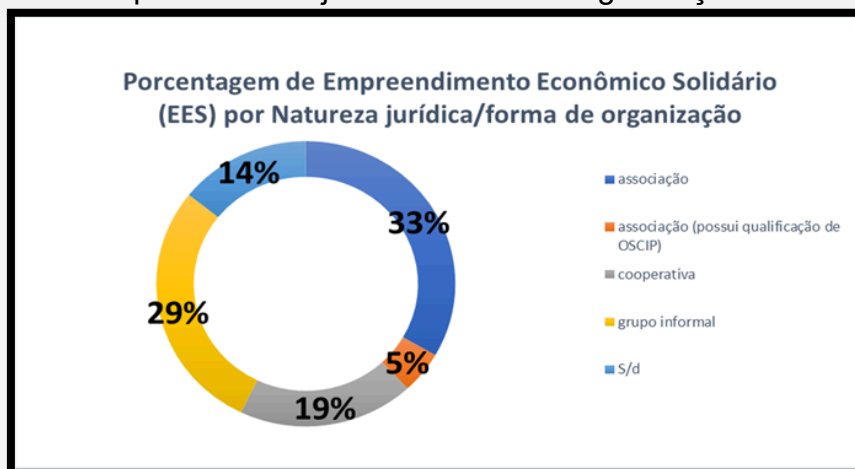
***4.2 Resultados antecedentes: perfil da Economia Solidária em Araraquara***

No mapeamento realizado entre 2018 e 2019, dos 21 empreendimentos identificados, 18 foram pessoalmente contatados e visitados pela equipe em campo. Na ocasião, foi utilizado, para a coleta de dados junto aos empreendimentos, um roteiro de diagnóstico previamente elaborado pelo grupo.

Em 2022, nos pós pandemia, o levantamento atualizado apontou a existência de oito grupos a mais em relação aos de 2018/2019, ao passo que o Artesanato do Bela Vista, o Palha Bela Vista, o Mulheres Unidas do Parque São Paulo, o Colmeia Cultural de Araraquara e o Alimentação Mulheres Negras haviam cessado suas atividades.

Dentre os grupos listados no mapeamento de 2018/2019 havia diferentes formas de organização, tais como associações, cooperativas e grupos, como ilustrado na figura 3:

Figura 04: EES por natureza jurídica/forma de organização em Araraquara.

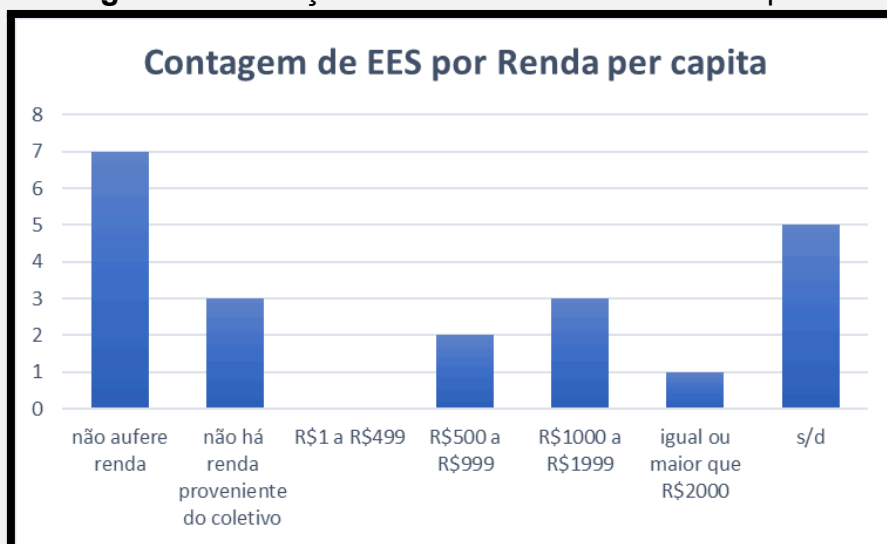


Fonte de dados: Elaboração própria, com base no mapeamento do NEPESC.

Como se observa, a maior parte dos empreendimentos mapeados era de grupos informais e outros formatos, seguidos de associações e, por último, cooperativas. Isso se dá possivelmente devido às imposições da legislação brasileira (Lei nº 12.690/2012), que estabelece critérios mais rígidos para a formalização de empreendimentos como cooperativas (Pereira & Silva, 2012).

A sustentabilidade econômica e financeira dos empreendimentos constitui-se em uma de suas maiores fragilidades, sobretudo diante do fato de se reconhecerem como “empreendimentos econômicos”. Essa constatação pode ser ilustrada pela figura 05.

Figura 05: Geração de renda nos EES de Araraquara



Fonte de dados: Elaboração própria, com base no mapeamento do NEPESC.

A maior parte dos empreendimentos mapeados não gerava, até antes do início da pandemia, renda suficiente para sua manutenção e de seus integrantes: a minoria (6 entre 21) ainda conseguia gerar valores per capita entre R\$ 500,00 a R\$ 2.000,00; os demais, um número de 7 EES, não gerava qualquer renda; cinco informaram não ter registros, o que possivelmente revela problemas de gestão; os três restantes não auferem renda proveniente do coletivo, embora um deles tenha informado que o coletivo auferia de R\$ 1.000,00 a R\$ 2.000,00 antes da pandemia.

Embora essa fragilidade econômica e financeira seja fator preocupante no âmbito da ESOL, o mapeamento elaborado pelo NEPESC apontou a existência de cerca de 486 trabalhadores e trabalhadoras atuantes nos empreendimentos, o que pode sugerir que as motivações possam ser não apenas a renda, mas também a cultura, a utilidade, os saberes, as trocas sociais e a solidariedade implícita nesses grupos.

Outra dimensão relevante para caracterizar os empreendimentos mapeados é relativa ao gênero. O mapeamento apontou que a maior parte dos empreendimentos é composta por mulheres, como ilustram os dados da figura 06.

**Figura 06:** Distribuição dos EES de Araraquara por gênero



Fonte de dados: Elaboração própria.

Como se observa, excluindo-se os empreendimentos dos quais não se obteve dados, 50% do total dos EES integrantes da amostra pesquisada são

**Revista Brasileira de Políticas Públicas e Internacionais, v. 10, n. 1, jan/jun. 2025, pp. 232-258.**

compostos exclusivamente por mulheres. Se forem agregados a esses aqueles compostos por pessoas de ambos os gêneros, evidencia-se, ainda mais, a preponderância das mulheres no interior dos EES de Araraquara, no período pré-pandemia.

Já no tocante à localização geográfica dos empreendimentos constantes da amostra, o levantamento realizado apontou que 67% estavam situados na zona rural do município, sobretudo nos dois assentamentos da reforma agrária ali localizados, o Assentamento Bela Vista do Chibarro e o Assentamento Monte Alegre. Uma das explicações para tal fenômeno é oferecida por Guschiken (2015), para quem a presença de grande número de EES na zona rural seria resultante de fatores como a proximidade física entre as famílias de agricultores e agricultoras e as consequentes identidades de interesses, os apoios recebidos de políticas públicas de compras governamentais da agricultura familiar, entre outros. Como exemplo desse movimento situa-se o caso do Assentamento Bela Vista do Chibarro, principal núcleo rural da economia solidária local, nascido, como Cassin e Vale (2011) citam, da luta dos trabalhadores sem-terra pela reforma agrária em meados da década de 1980.

Já entre os empreendimentos situados na zona urbana, os setores de atividade em que os mesmos atuam distribuem-se do artesanato à gestão de resíduos sólidos, tendo incorporado, no pós pandemia, atividades de serviços, inclusive de transportes e entregas, esses últimos não identificados no levantamento do NEPESC de 2018/2019.

#### ***4.3 Resultados e discussão***

Os resultados ora apresentados foram extraídos da atualização do mapeamento, realizada em 2022, em consonância com o já explicitado na seção de metodologia. De início, é necessário tecer uma ressalva sobre o processo de coleta de dados, realizado junto aos 10 empreendimentos, numerados de 1 a 10. Alguns dados podem conter viéses cognitivos, sobretudo em virtude de possíveis dificuldades dos e das representantes dos empreendimentos na interpretação das questões formuladas.

Desses empreendimentos, o de número 9 justificou a ausência de dados por irregularidades, dificultando, desse modo, sua análise comparativa com os demais.

#### *4.3.1 Criação, mortalidade, fortalecimento e fragilização dos EES*

Os resultados ora apresentados resultam da aplicação do questionário, de dados e informações coletados por observação direta do grupo NEPESC e de notícias publicadas em páginas da internet e em jornais da cidade, que relatam experiências dos empreendimentos durante a pandemia. Foram utilizados, como indicadores analíticos: a criação de empreendimentos, postos de trabalho e renda gerados e oportunidades e dificuldades enfrentadas.

Iniciando pelos resultados apurados por meio da aplicação dos questionários, as duas primeiras constatações concernentes aos impactos da pandemia no desempenho dos EES consultados foram as relativas à geração de trabalho e renda pelos nove empreendimentos respondentes.

No que diz respeito à geração de postos de trabalho, os dados coletados revelaram que apenas três dos nove empreendimentos consultados lograram ampliar o número de novos membros durante o período da pandemia e no imediatamente após, resultando em 30 novas pessoas cooperadas/associadas, com uma grande concentração desse total (70%) em apenas um deles, o de gestão de resíduos sólidos. Para os seis restantes, a perda apurada foi de 15 postos de trabalho. Desse modo, em que pesem as mazelas da pandemia, o saldo líquido de postos de trabalho ainda acabou sendo positivo. Duas explicações podem ser encontradas para esse fato: a primeira, correspondente ao aumento da geração de resíduos sólidos durante a pandemia, demandando um maior esforço de coleta; a segunda, devido ao próprio porte do empreendimento especializado na coleta de resíduos, que é o EES que congrega o maior número de trabalhadoras e trabalhadores entre os nove empreendimentos consultados.

Já no tocante à geração de renda durante a pandemia, os empreendimentos consultados relataram que houve uma grande redução da renda per capita. Para sete dos empreendimentos respondentes a renda média caiu para valores entre R\$ 0 e R\$ 500,00, contra valores médios entre R\$

**Fonseca & Costa. Impactos e efeitos da pandemia do Covid-19 no ecossistema empreendedor solidário de Araraquara**

500,00 e R\$ 2.000,00 anteriormente à pandemia. Isso representa o reconhecimento de que a perda de renda afetou 80% dos empreendimentos respondentes.

Esse comportamento da renda pode ser atribuído aos desafios e dificuldades que o vírus trouxe, como a necessidade de se inovar com o uso da internet para comunicação, a falta de recursos para compra de materiais, a dificuldade de comercialização, entre outros. A figura 07 sintetiza a ordem de vezes que foram citadas as dificuldades encontradas pelos grupos.

**Figura 07:** Principais dificuldades mencionadas, fruto da pandemia

Principais dificuldades encontradas durante a pandemia	nº de citações
Falta de recursos financeiros para compra de materiais	4
Geração de renda	3
Dificuldade para adequar o empreendimento às normas de higienização	3
Comercialização	3
Melhorar e aumentar as parcerias de apoio	3
Formalização	3
Geração de trabalho	1
Melhorar a Infraestrutura	1
Capacitação técnico – profissional	1
Apoio da Prefeitura	1
Regularização de terras	1
Transporte	1
Uso / Criação das mídias digitais	0

Fonte de dados: Elaboração própria.

Como se observa, a principal dificuldade relatada corresponde à falta de recursos financeiros para a aquisição de materiais. Em termos comparados com o mapeamento anteriormente realizado pelo NEPESC, houve uma inversão de ordem, posto que no primeiro levantamento a maior fragilidade relatada era precisamente a geração de renda. Além disso, três empreendimentos da amostra relataram problemas de formalização, além daquele já mencionado, o que seria o 10º da amostra, que se declarou impossibilitado de responder ao questionário devido a essa questão. As dificuldades de formalização são um problema para os EES já que, como aponta Vieira (2015), (...) a necessidade de reformulação legal no campo do tratamento diferenciado aos empreendimentos solidários, expresso num sistema tributário diferenciado, reconhecedor de suas formas específicas de **Revista Brasileira de Políticas Públicas e Internacionais, v. 10, n. 1, jan/jun. 2025, pp. 232-258.**

**Fonseca & Costa. *Impactos e efeitos da pandemia do Covid-19 no ecossistema empreendedor solidário de Araraquara***

organização social e econômica, mesmo dentro da estrutura capitalista, visando assegurar aos empreendimentos a geração de renda suficiente e a inserção de novos espaços regulatórios de formalização, institucionalização e promoção de novas iniciativas que têm como centralidade a solidariedade, cooperação e autogestão, princípios balizadores do desenvolvimento local com inclusão social (Vieira, 2015, p. 11).

Na contramão desse conjunto de efeitos negativos causados pela pandemia, houve empreendimentos que se aproveitaram de oportunidades criadas. Três casos se enquadram entre esses: o primeiro, do empreendimento 5, composto por mulheres artesãs, especializadas em confecções, que, com o apoio de uma unidade da Unesp de Araraquara, passaram a produzir máscaras, iniciativa fundamental para o enfrentamento às mazelas da pandemia, como mostram Souza et al. (2020); outro, foi o empreendimento 3, que passou a receber apoios da unidade local do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR) e do Sindicato Rural de Araraquara, para capacitação em processamento de alimentos; o terceiro, o empreendimento 1, que migrou para as redes sociais, para comercializar parcela de seus produtos.

Outro efeito positivo, esse indireto, de certa forma acelerado, quando não provocado pela pandemia, foi o fortalecimento do ecossistema de Economia Social e Solidária no município, notadamente no campo das políticas públicas locais de apoio aos empreendimentos, conforme sinalizou Araújo (2020). Destaque particular deve ser dado à criação, pelo Decreto Municipal nº 12.338/2020, da Incubadora Pública de Economia Criativa e Solidária (IPECS), vinculada à Coordenadoria Executiva de Trabalho e de Economia Criativa e Solidária (CETECS). Tratou-se de iniciativa pela qual, como lembram Paiva e Silva (2020), foram formalizadas quatro novas cooperativas com apoio da Cetecs no primeiro semestre de 2020: Cooperativa de Trabalho em Serviços Gerais – Vitória Multiserviços; Cooperativa de Trabalho e Serviços de Alimentação Pannelas Unidas; Cooperativa dos Trabalhadores da Construção Civil de Araraquara – Coopermorada; e Cooperativa Social de Trabalho em Recuperação de Materiais dos Egressos Prisionais de Araraquara Sol Nascente (Paiva & Silva, 2020, p. 49).

Em complemento ao apoio oferecido pela Ipecs, e também como instrumento de política pública local passível de ser reconhecido como integrante do ecossistema de ESS, a administração municipal passou a estender o respaldo do Orçamento Participativo aos EES, com destaque para a criação de uma área de lazer e espaço voltado a cursos para geração de trabalho e renda para as mulheres da região norte de Araraquara, dentro das áreas de cooperativismo e economia criativa e solidária, como lembra Araújo (2020).

Em síntese, pode-se afirmar que esse doloroso percurso dos empreendimentos da ESS pelo período da pandemia tenha produzido tanto efeitos negativos, como os apontados por Colosso (2020) e Molina et al. (2020), certamente mais sensíveis e presentes ao longo do período em que o vírus vinha produzindo suas consequências devastadoras, quanto positivos, resultantes seja dos aprendizados adquiridos, como lembraram Aveni (2020) e Borges (2020), seja das respostas dadas, com destaque aí para a formulação e a implementação dos instrumentos de políticas públicas acima mencionados, que acabaram por criar condições para o fortalecimento e a dinamização do ecossistema local da ESS no médio e longo prazos. Pode-se afirmar que reside aí uma importante inovação social ou, mais do que isso, uma importante relação entre inovação social e governança pública, como bem lembra Andion (2023). Relação essa apurada pela pesquisa nas iniciativas adotadas pela universidade pública local e pelo poder público municipal em apoio aos EES que, por sua vez, responderam a esses estímulos se reinventando para enfrentar aos desafios impostos pela pandemia.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A primeira consideração a fazer, ao finalizar esse texto, é a de que a pesquisa realizada tenha logrado alcançar o seu propósito de responder à questão de pesquisa inicialmente formulada. Considera-se que o texto tenha conseguido refletir as principais transformações ocorridas no ecossistema da economia solidária em Araraquara e as principais respostas dadas pelos EES diante da pandemia do Covid-19, além de identificar e apontar as principais dificuldades enfrentadas pelos mesmos, assim como seus desafios. Desse

**Fonseca & Costa. *Impactos e efeitos da pandemia do Covid-19 no ecossistema empreendedor solidário de Araraquara***

modo, o objetivo propugnado, de identificar os impactos e efeitos da pandemia no ambiente da economia solidária de Araraquara, com destaque para seus aspectos institucionais, econômicos, produtivos e sociais, pode ser reconhecido como tendo sido cumprido. Ademais, é possível reconhecer também que os resultados esperados, contidos no penúltimo parágrafo da seção de introdução, tenham sido alcançados.

A segunda observação, de caráter conclusivo, é quanto aos limites dos resultados da pesquisa. Como já reconhecido nos procedimentos metodológicos, o próprio caráter exploratório é impeditivo de eventuais extrapolações dos resultados para outros ambientes de pesquisa. A esse propósito, cabe registrar que Araraquara ostenta uma reconhecida posição de destaque no contexto dos municípios brasileiros, no que diz respeito à atuação no campo da Economia Solidária. Quatro evidências sustentam esse reconhecimento: a primeira, o fato de ter sido um dos primeiros municípios brasileiros a criar uma instância institucional integrante do governo municipal, a Coordenadoria Municipal de Economia Solidária, instalada em 2005; a segunda, também o pioneirismo na aprovação de um marco regulatório local, a Lei nº 7.145, de 27/11/2009, que instituiu o Programa de Trabalho e Economia Social e Solidária, atualizado em 2022 pela Lei 10.639, que instituiu o Plano Municipal de Políticas Públicas de Economia Solidária e Criativa; a terceira, inclusão do município entre os poucos brasileiros a possuírem uma Incubadora Pública; a quarta, a intensa atuação institucional do município no movimento nacional de apoio à economia solidária, demarcada pela participação da coordenadora da CETECS na executiva nacional da Rede de Gestores de Políticas Públicas de Economia Solidária.

Acrescente-se ainda, a título de diferencial dos resultados desta pesquisa, o papel desempenhado pela Universidade no contexto do ecossistema local da ESS. O campus local da Unesp, notadamente pelas mãos da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, com a operacionalização, de início pelo NEESC e pela INCONESP e, posteriormente, pelo NEPESC, vem atuando com grande protagonismo, seja em parceria direta com a coordenadoria municipal, seja diretamente junto a alguns dos EES locais. Ademais, em termos acadêmicos propriamente ditos, essa intensa atuação no

**Fonseca & Costa. *Impactos e efeitos da pandemia do Covid-19 no ecossistema empreendedor solidário de Araraquara***

campo da economia solidária vem propiciando condições para o enriquecimento da produção nos campos da pesquisa e da extensão, com os correspondentes espraiamentos no campo do ensino.

No tocante às dificuldades e desafios inerentes aos EES, a pesquisa convergiu com os apontamentos da literatura pertinente, sobretudo no que diz respeito às fragilidades estruturais dos mesmos. A esse propósito ainda, achado importante da pesquisa foi o relativo ao papel desempenhado pelo poder público local e pela universidade como agentes coadjuvantes em processos de enfrentamento às dificuldades e desafios.

Para finalizar, vale registrar a necessidade de desdobramentos futuros desta pesquisa, seja em termos temporais, pela realização de reavaliações, seja em termos espaciais ou de escopo, pela realização de estudos comparados com outros municípios, preferencialmente que sejam integrantes da Rede de Gestores em Políticas Públicas de Economia Solidária, junto à qual o NEPESC vem mantendo estreita parceria para múltiplas atividades.

## **REFERÊNCIAS**

Alves, G. (2009). Trabalho e reestruturação produtiva no Brasil neoliberal: precarização do trabalho e redundância salarial. *Revista Katálysis*, v. 12, n. 2, 188-197.

Andion, C. (2023). Social Innovation, Experimentalism, and Public Governance: An Ethnographical Approach to Study Public Arenas in the City. *BAR-Brazilian Administration Review*, 20(2), e220124.

Araújo, A. (2020). *Araraquara terá Quilombo Rosa, projeto com espaço de lazer e cursos só para mulheres!* Comunica Araraquara. Araraquara – SP, 07/06/2020.

Aveni, A. (2020). Estratégias pelo trabalho no futuro devidos a pandemia COVID-19. *Revista Processus de Políticas Públicas e Desenvolvimento Social*, v. 2, n. 3, 04-14.

Benini, E. G., & Figueiredo Neto, L. F. (2007). *Desemprego e economia solidária: repensando a autogestão*. In: *IV Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia-SEGeT, Anais...* Resende–RJ, 2007.

Boff, L. (2017). *Sustentabilidade: o que é-o que não é*. São Paulo: Editora Vozes.

**Fonseca & Costa. *Impactos e efeitos da pandemia do Covid-19 no ecossistema empreendedor solidário de Araraquara***

Borba, É. L., Zwick, E., Torres, K. A., Martins, P. L., Campos, H. J., Silva, A. S., & Daia, R. T. C. (2010). *Economia solidária e cidadania*. In: VII Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia, Anais...

Borges, C. S. M. B. (2020). Empreendedorismo solidário econômico em tempos de crise. *Boletim Economia Empírica*, v. 1, n. 2, 1-6.

Brandão, V. (2020). O papel do Estado como garantidor de emprego e renda durante a pandemia do novo Coronavírus. *Boletim FINDE – Edição Especial*, 50-54.

Cassin, M., & Vale, S. B. O. (2011). Assentamento Bela Vista e algumas reflexões sobre a relação trabalho rural e educação. *Revista HISTEDBR On-Line*, 11(41), 219-230.

Coelho, T. M. (2013). Conexões urbanas: um programa de TV que tenta acabar com o apartheid social. *Trabalho de Conclusão de Curso* (Graduação em Comunicação - Habilitação em Jornalismo) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Colosso, P. (2020). Na pandemia movimentos sociais mostram sua força e competência. *Boletim Lua Nova* nº 120.

Eid, F., Gallo, A., & Pimentel, A. E. B. (2001). Desemprego, exclusão e desafios para o desenvolvimento da Economia Solidária no Brasil. *Revista ABET*, v. 1, n. 1, 66-93.

Fonseca, S. A., Gushiken, O. H., Grigoletto, F., & Lorenzo, H. C. (2020). Panorama da economia solidária em Araraquara. In: Casagrande, E. E. & Jardim, M. C. (Eds.) *Araraquara dos anos 2000*, pp. 127-143.

Gerhardt, T. E. & Silveira, D. T. (2009). *Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

Grigoletto, F. & Fonseca, S. A. (2012). Possibilidades e limites da incubação de empreendimentos solidários: o caso da INCONESP, de Araraquara. *Temas de Administração Pública*, v. 4, n. 7, 1-14.

Gushiken, O. H. (2015). Avaliação das virtudes e fragilidades de programas municipais de Economia Solidária: um estudo de casos múltiplos. *Dissertação de Mestrado* (Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial e Meio Ambiente – Uniara).

Molina, W. de S. L., Santos, A. M., Carvalho, A. M. R., Almeida, N. M. C., & Schiochet, V. A. (2020). Economia Solidária no Brasil frente ao contexto de crise COVID- 19: trajetória, crise e resistência nos territórios. *Otra Economía*, v. 13, n. 24, 170-189.

Marconi, M. A. & Lakatos, E. M. (2017). *Fundamentos de Metodologia Científica*. 8ª ed., São Paulo: Editora Atlas.

**Fonseca & Costa. *Impactos e efeitos da pandemia do Covid-19 no ecossistema empreendedor solidário de Araraquara***

Morais, L. & Costa, A. B. (2011). *Novos paradigmas de produção e consumo: experiências inovadoras*. São Paulo: Instituto Pólis, 94 p.

Mota, J. S. Utilização do Google Forms na pesquisa acadêmica. (2019). *Revista Humanidades e Inovação*, v. 6, n. 12, 371-380.

Muniz, J. M. (2018). Democracia representativa e o apartheid social brasileiro: crítica da igualdade política. *Tese (doutorado)* - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Florianópolis: UFSC.

Nassif, V. M. J., Corrêa, V. S. & Rosseto, D. E. (2020). Estão os empreendedores e as pequenas empresas preparadas para as adversidades contextuais? Uma reflexão à luz da pandemia do Covid-19. *Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, v. 9, n. 2, 1-12.

Organização *Panamericana de Saúde - OPAS BRASIL*. (2020). Folha informativa – COVID- 19 (doença causada pelo novo coronavírus).

Organização *Panamericana de Saúde - OPAS BRASIL*. (2020a). OMS declara emergência de saúde pública de importância internacional por surto de novo coronavírus.

Paiva, C. C. & Silva, E. A. (2020). Política pública de economia criativa e solidária do município de Araraquara/SP. *Repositório IPEA – Mercado de Trabalho*, 1-16.

Passos, S. S. & Lupatini, M. (2020). A contrarreforma trabalhista e a precarização das relações de trabalho no Brasil. *Revista Katálysis*, v. 23, n. 1, 132- 142.

Pastana, G. I. I. (2011). *Economia solidária: educação & autonomia*. Rio de Janeiro: Tecnoarte.

Pereira, C. M. & Silva, S. P. (2012). A nova lei de cooperativas de trabalho no Brasil: novidades, controvérsias e interrogações. *Repositório IPEA – Mercado de Trabalho*, 65-74.

Pinheiro, M. B. (2000). *Economia de Comunhão: uma experiência peculiar de economia solidária*. São Paulo: Contexto, 333-348.

Pitacas, J. A. (2019). *A Economia Social e Solidária e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável*. Centro de Estudos de Economia Pública e Social Portugal – UN Inter-Agency Task Force on Social and Solidarity Economy, 1-13.

Ramalho, H. P. (2012). O punho do capitalismo: o Estado social e o cidadão na atual planificação social. Configurações – *Revista de Ciências Sociais*, n. 10, 13-28.

**Fonseca & Costa. *Impactos e efeitos da pandemia do Covid-19 no ecossistema empreendedor solidário de Araraquara***

Rede de Pesquisa Solidária (2020). A vulnerabilidade dos trabalhadores brasileiros na pandemia do Covid-19. Nota Técnica n. 2. *Políticas Públicas & Sociedade*.

Rede de Pesquisa Solidária. (2020 a). Na crise, homens negros e mulheres negras são os mais vulneráveis. Mas surgem “novos vulneráveis”, homens brancos e mulheres brancas em serviços não essenciais. *Nota Técnica n. 3. Políticas Públicas & Sociedade*.

Ribeiro, E. A. (2008). A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa. *Evidência: olhares e pesquisa em saberes educacionais*, v. 4, n. 5, 129-148.

Sanches, C. C. & Morais, L. P. (2020). Economia solidária e o ecossistema empreendedor solidário: o caso de Araraquara (SP). *Repositório IPEA – Mercado de Trabalho*, 1-16.

Schuchmann, A. Z., Schnorrenberger, B. L., Chiquetti, M. E., Gaiki, R. S., Raimann, B. W. & Maeyama, M. A. (2020). Isolamento social vertical X Isolamento social horizontal: os dilemas sanitários e sociais no enfrentamento da pandemia de Covid-19. *Brazilian Journal of Health Review*, v. 3, n. 2, 3556-3576.

Silva, D. P., Santos, I. M. R. & Melo, V. S. (2020). Aspectos da infecção ocasionada pelo Coronavírus da Síndrome Respiratória Aguda Grave 2 (SARS-CoV-2). *Brazilian Journal of Health Review*, v. 3, n. 2, 3763-3779.

Singer, P. I., Silva, R. M. A. & Schiochet, V. (2014). *Economia Solidária e os desafios da superação da pobreza extrema no Plano Brasil sem Miséria. O Brasil sem miséria*, 1-21. Brasília: MDS.

Singer, P. I. & Souza, A. R. (2000). *A economia solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego*, São Paulo: Contexto.

Souza, A. R., Neto., Bortoluzi, B. B. & Freitas, D. R. J. (2020). Equipamentos de proteção individual para prevenção de infecção por Sars-Cov-2. *JMPHC Journal of Management & Primary Health Care*, v. 1, 1-7.

Vieira, A. C. M. (2015). Desafios à formalização legal de empreendimentos solidários. In: *I Congresso de Pesquisadores de Economia Solidária, Anais...* São Carlos: UFSCar.